

Governo resiste às pressões contra o gatilho e pela máxi

O governo está disposto a fazer outros ajustes conjunturais na economia, mas resistirá, enquanto tiver forças, a tomar duas medidas que os credores internacionais acham indispensáveis para permitir ao País condições de retomar os pagamentos dos juros da dívida externa: a maxidesvalorização cambial e a eliminação do gatilho salarial.

Certamente o ajuste estrutural que o Banco Mundial irá porpor ao governo para retomar os empréstimos ao País contemplará essas duas medidas, principalmente, se o governo se dispõe a discutir a tomada de recursos junto ao Banco através do conhecido mecanismo do Structural Adjustment Loans (SAL), conforme admitiu uma fonte oficial.

A opção pelo mecanismo SAL implicará na aceitação, por parte do governo brasileiro, do cumprimento de um programa econômico sugerido pelo Banco Mundial e compatível com o que este acha necessário para o País ajustar suas contas externas. A intenção do governo é discutir um empréstimo do tipo SAL, porém, ressalta a fonte oficial, sem se submeter às condicionantes que o mesmo impõe aos tomadores.

A discussão do mecanismo SAL com os técnicos do Bird, de forma adaptá-lo às exigências do governo brasileiro deverá prosseguir nos próximos dias. No momento, a preocupação maior do governo é com o comércio exterior. As relações comerciais às decisões do governo de suspender o pagamento dos juros começam a prejudicar as transações comerciais. As importações estão sendo bloqueadas pela CACEX progressivamente, como medida capaz de preservar as reservas cambiais.

A manter a situação atual, o perigo de recessão torna-se real, apesar de o governo ter adotado medidas internas para evitar essa possibilidade. O bloqueio às importações, porém, prejudica uma série de atividades internas e dificulta os investimentos, inclusive, os programados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento. Por isso, a negociação com o Banco Mundial poderia ser uma solução para o impasse.

RESISTÊNCIAS

Os técnicos do governo se negam a admitir que esteja sendo colocado em prática uma política econômica semelhante à adotada pelo governo passado, quando para contornar dificuldades externas optou-se pela recessão, através da liberação dos juros, dos preços e arrocho dos salários. No momento, os juros estão liberados, os preços, também, mas, enquanto existir o gatilho, argumentam, não se pode afirmar que o governo optou pelo arrocho salarial, apesar de reconhecer que o cálculo da inflação é falho e o mecanismo do gatilho salarial não recupera integralmente o salário perdido pela inflação, provocando defasagens nos reajustes. Antes do gatilho, ressaltam os técnicos, existia o reajuste semestral num contexto de inflação anual de 300 por cento. Ou seja, a perda era muito maior.

NOVA ESTRATÉGIA

O governo adotou a estratégia de fornecer escassas informações sobre os resultados das reuniões entre os técnicos brasileiros e os do Banco Mundial de análise política econômica oficial e, também, sobre os resultados da primeira reunião realizada, ontem, da Comissão de Assessoramento Presidencial para Negociação da Dívida Externa.

Os técnicos do Banco Mundial, chefiados pelo economista André Gué, apesar de cordiais no tratamento, pela mesma forma não comentam nada sobre o programa econômico do governo, preferem ressaltar insistente que estão analisando os dados, mais nada.

No próximo domingo, os três principais negociadores brasileiros, Luiz Gonzaga Belluzzo (chefe da assessoria econômica da Fazenda), Paulo Nogueira Batista Júnior (assessor para a dívida externa) e o embaixador Alvaro Alencar (chefe da Assessoria internacional da Fazenda e coordenador da discussão com os técnicos do Bird) viajarão a Washington, onde se reunirão com técnicos do Banco Mundial e da Secretaria do Tesouro norte-americano, para discutir detalhes do programa econômico brasileiro.

POUCA INFORMAÇÃO

A assessoria econômica da Fazenda distribuiu nota oficial sobre a reunião da comissão, mas nenhuma informação relevante foi anunciada. Fixou-se o regime de trabalho da comissão, cujos detalhes não foram fornecidos à imprensa, e "passou-se em revista a evolução recente da questão da dívida externa".



Lara fala aos constituintes, enquanto Dornelles conferencia com Serra